

A LINGUAGEM NA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA ERA DIGITAL: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Ademar Felipe Fey¹

Resumo

Este texto apresenta uma reflexão acerca da linguagem estabelecida entre professor e aluno nos dias atuais e a influência das TICs no processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista as alterações que a sociedade atual, a sociedade da informação ou sociedade em rede, está imputando ao ambiente escolar.

Palavras-chave: Linguagem, Interação, TICs

• Introdução

O ensino dito tradicional, definido aqui como aquele onde o professor transmite informação, numa participação ativa, e o aluno a recebe, numa participação passiva, tem longo predomínio na educação. E, na realidade, o ensino tradicional tem alcançado o objetivo de educar os indivíduos ao longo dos anos, comprovado esse fato pelo número de avanços científicos e sociais, que bem ou mal, alcançamos. Mas nos parece que nas últimas décadas o cenário educativo vem mudando, seguindo a trajetória da mudança da sociedade industrial para a sociedade da informação ou sociedade do conhecimento, também denominada de sociedade em rede (CASTELLS, 1999, pag. 67-118). A escola acaba refletindo, com o devido tempo, as mudanças ocorridas na sociedade em que ela está inserida.

A sociedade atual se destaca pela velocidade como as informações circulam pelas redes de comunicações. Através da internet, por exemplo, as pessoas podem estudar, trocar mensagens instantâneas com seus amigos, procurar emprego, criar sua página web pessoal, ou seja, as pessoas interagem mediadas pela tecnologia. Nessa interação as pessoas se constituem e configuram diálogos com seus interlocutores.

Com a renovação contínua do conhecimento científico, teorias e estudos se tornam obsoletos num espaço de tempo cada vez menor. Daí decorre a idéia de que a educação em nossa atual sociedade se tornou continuada, ou seja, para a vida inteira. O diploma do ensino superior não

¹Mestrando em Educação - Linha Tecnologias em Educação - UCS, Caxias do Sul- RS

garante mais conhecimento atualizado e colocação do profissional no mercado. Na maior parte das vezes, o recém graduado parte para uma especialização, dali para o mestrado e assim por diante. Ou seja, o aprendizado é contínuo.

Por outro lado a atual sociedade busca formas flexíveis, dinâmicas e criativas de estudo e um saber proveniente de múltiplas áreas. Nesse ponto nos parece que o dito ensino tradicional necessita de transformações. A forma como a maioria de nós (imigrantes digitais) estudou não parece ser a maneira de como a nova geração (nativos digitais) entende ser a maneira correta de aprender. Em outras palavras, necessitamos (re)aprender a aprender e, mais ainda, (re)aprender a ensinar.

Nossas escolas estão recebendo em seus bancos escolares os alunos da geração Internet, ou nativos digitais. Eles encontram na sala de aula, na maioria das vezes, o professor imigrante digital. Embora a sala de aula tradicional possa ensinar um diálogo bidirecional entre professor e aluno, com possíveis inversões de papel no processo de comunicação, normalmente cabe ao professor o poder do início e término da interação (Oliveira, 1999, p. 5). Normalmente o processo da linguagem estabelecido em sala de aula é um processo unidirecional. No entanto, com a proliferação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e da formação da sociedade em rede, parece interessante refletir como se dará a interação, nessa sala de aula, entre o professor imigrante digital e o aluno nativo digital. Aparentemente, muitos desses professores não estão preparados para atuarem no contexto das tecnologias e de dialogar com os alunos digitais na linguagem que estes últimos aprenderam fora do ambiente escolar.

Este trabalho pretende refletir esta questão em caráter introdutório. Muda a linguagem nesse novo cenário? Se ela muda, quem deverá ceder a sua posição e se adequar nessa relação de interação mediada pela linguagem entre professor e aluno?

Nesse contexto vamos examinar a relação dialógica entre o professor e o aluno em sala de aula, sendo o aluno aqui referenciado tido como criança ou adolescente, ou seja, o estudante das séries iniciais do ensino básico até o ingresso num curso de graduação. Não focamos este estudo introdutório no aluno adulto, pois acreditamos que nos cursos de graduação, especialização e pós-graduação, esse último já tenha uma formação adequada para entender o contexto educacional e se inserir de uma forma que julgar mais conveniente no processo de ensino e aprendizagem.

- **Desenvolvimento teórico**

Primeiramente cabe definirmos os termos nativo digital e imigrante digital. O imigrante digital (PRENSKY, 2001, p. 5) é o indivíduo que nasceu numa época onde a Internet não era ainda utilizada em massa como nos dias atuais. Podemos pressupor que a maioria dos professores está incluída nessa categoria de indivíduos. Salvo algumas exceções, poucos professores têm intimidade com as tecnologias digitais e alguns até podem ter ressalvas, ou até mesmo serem contrários, ao seu uso no ambiente educativo.

Por outro lado, o nativo digital é aquele que já nasceu na era da Internet. Nesse caso este indivíduo tem, em sua grande maioria, uma intimidade em manuseio e interação com a tecnologia digital que lhe rodeia e realiza a mediação entre ele, indivíduo, e a sociedade em que ele vive.

Podemos citar o celular, o computador, as redes sociais, o blog, o twitter, os jogos em rede, os ambientes virtuais de aprendizagem, como exemplos dessas novas tecnologias. O nativo digital vive interagindo com as mesmas de forma intensa e natural. As TICs também possibilitam que os nativos digitais possam trocar diálogos com seus interlocutores através de respostas rápidas e frequentes. Ou seja, percebemos aqui dois tipos de mediações: as TICs mediando a interação com o nativo digital, mediação objeto-sujeito e a mediação proporcionados pelas TICs entre dois nativos digitais, mediação sujeito-objeto-sujeito. No primeiro caso o sujeito interage diretamente com a TIC (jogo, e-learning, por exemplo). Primo (2000, p. 8) chama a interação havida nesse caso de interação reativa (estímulo-resposta, aluno-TIC). No segundo caso, a TIC é uma espécie de ferramenta que possibilita a interação entre os sujeitos participantes (wiki, fórum, chat, por exemplo). Primo (ibidem) chama esse último processo de interação mútua (aluno com outro aluno ou aluno com professor, via TIC).

Cabe lembrar também que o nativo digital ao interagir com as TICs trabalha com uma variedade de tipicidades de linguagem, tais como a leitura, a escrita, a visual, a áudio-visual, ou seja, um conjunto de linguagens que possibilitam a sociedade do “show”, como também é denominada. Em contraponto, as linguagens mais adotadas na sala de aula tradicional são a fala e a escrita. Qual dos dois cenários, em termos de linguagem, é mais atrativa ou mais significativa para o aluno? Será que a falta de atenção na sala de aula tradicional (PRENSKY, 2010, p. 37) não é uma forma deliberada pelo aluno de não reconhecimento desse modo de aprender?

Na sala de aula tradicional, no entanto, a interação entre professor e aluno nem sempre ocorre, principalmente na velocidade e frequência com que o nativo digital experimenta fora do ambiente escolar. Do ponto de vista do aluno nativo digital, aparentemente, para ele é mais fácil interagir com as TICs do que com o professor em sala de aula, pois com as TICs, por exemplo, ele não precisa de autorização para iniciar e terminar o diálogo. Além disso, com as TICs ele escolhe o tema de estudo que maior significado lhe traga. Não se quer dizer que as TICs automaticamente constituam a interação, mas sim que elas oportunizam, através do ambiente em rede, que surjam interações entre sujeitos que compactuem de mútuo interesse. Levando em conta o acima exposto, é de se supor que possa haver um conflito silencioso entre o modo de aprender dentro e fora da sala de aula. O conflito pode se estender também na linguagem utilizada nesses dois ambientes.

WANG (2006, p. 1) assim define a situação atual vivida no ambiente escolar

Por outro lado, enquanto cada vez mais crianças jogam vídeo games e jogos em computador e via Internet, as escolas com ensino tradicional enfrentam diversos problemas. Uma das causas apontadas para a dificuldade de aprendizado é o fato de que a escola não “fala” a linguagem dos alunos, cujas vidas estão centradas na tecnologia. De fato, os alunos atuais mudaram de perfil, não só em termos de bagagem de habilidades em ferramentas tecnológicas, que já possuem quando entram nas escolas, mas também em termos de bagagem contextual. Basta observar que grande parte das crianças com 4 ou 5 anos já assistiu a mais de 5 mil horas de televisão, obtendo informações sobre os mais variados assuntos.

Segundo Prensky (2010, p. 61) “Os estudantes de hoje não são mais as pessoas para as quais o nosso sistema educacional foi desenvolvido”. Se isso é verdade, algo deve ser mudado. Ainda segundo Prensky, os nativos digitais entram na sala de aula com uma quantidade de informações recebidas superior aos que os antigos estudantes, imigrantes digitais, poderiam receber em toda a

vida escolar. Além disso, em relação à interação dos nativos digitais com as TICs, não podem ser estabelecidas comparações com os imigrantes digitais, pois muitas dessas TICs sequer existiam quando estes últimos estavam em sala de aula.

Corroborando no diagnóstico desse obstáculo entre o professor e aluno na era digital, usamos a seguinte citação

Na junção destas duas realidades poderá surgir uma Barreira Digital entre professores e alunos. Daí que reconhecer as diferenças nos estilos de aprendizagem destas duas gerações, deve ser o primeiro passo que os professores devem dar para adotarem programas e ferramentas educativas eficazes para os seus «novos» alunos, porque os estudantes da Geração Net não quererão ouvir uma palestra de uma hora, mesmo quando acompanhada de diapositivos! (JESUS, 2007, p. 6)

A despeito das orientações gerais fornecidas pelos gestores da escola, no interior da sala de aula o grande responsável pelo processo de ensino e aprendizagem é o professor. Além de ensinar, o professor serve como um modelo a ser seguido, pelos jovens estudantes principalmente, tornando-se um mediador não apenas entre o aluno e o objeto estudado, mas entre o aluno e a sociedade. O professor, de certa forma, auxilia numa correta orientação para a vida futura dos alunos, tanto no aspecto profissional como no aspecto social.

Diz um velho ditado do senso comum que “se não pudeses vencer o inimigo, alia-te a ele”. Parece lógico supor que a sociedade em rede não vai regredir para a sociedade industrial e à sua forma de ensino característica, a da transmissão da informação. A transmissão de informação até pode continuar a existir, mas novas estratégias de ensino devem ser implantadas, mediadas pelas TICs. A tecnologia na educação deve ser adotada para acompanhar a sua utilização na sociedade em geral, pois como já dissemos anteriormente, a escola reflete a sociedade onde está inserida, em mais ou menos tempo. Também parece óbvio que a resposta de quem deve mudar está claramente estabelecida. Não temos como mudar a influência das TICs na sociedade atual e na vida dos estudantes. Nossa vida é constituída pela mediação social e cultural (VIGOTSKY, 1998, p. 168).

Como sabemos por Bakhtin (1981, p. 144) a linguagem constitui o homem e o próprio homem é constituído pelo discurso do outro. Na dialogicidade entre eu e outro, nos constituímos, numa perspectiva sócio-histórica-cultural. Portanto o contexto sócio-cultural influencia na constituição do repertório que o aluno, criança ou adolescente, vai construir ao longo do diálogo estabelecido com seus pares e com as várias ferramentas tecnológicas atuais que podem atuar como mediação entre o aluno e a linguagem que vai lhe constituir (VIGOTSKY, 1998, p. 175).

Contudo, com o advento da comunicação em rede, torna-se cada vez mais evidente que o trânsito das mensagens entre os sistemas da informação (entre emissor e receptor, se quisermos) não se dá de modo unidirecional e que os sistemas processam a informação que recebem, devolvendo-a de um outro modo para a rede. E o que é mais importante: os sistemas formam uma rede informacional de relações comunicativas, onde cada um age tanto na emissão quanto na recepção da informação. Veja que não estamos mais falando de processo de comunicação entre emissor e receptor, mas em troca de mensagens entre sistemas que compõem uma rede complexa de relações comunicativas. (PEREIRA, 2002)

O uso da tecnologia potencializa a dialogicidade e a mediação, na medida em que muda o conceito de tempo e espaço. Posso me comunicar, dialogar, com pessoas de interesses comuns em

qualquer parte do mundo, onde provavelmente nunca estarei. Posso construir conhecimento com um outro que nunca verei presencialmente, mas nem por isso o conhecimento será menos válido. Um projeto pode ser tocado a quatro mãos, de forma coletiva e colaborativa, aproveitando o tempo produtivo de cada membro da equipe, por exemplo baseado no fuso horário do local de origem de cada participante. Basta que o objetivo e as regras do projeto estejam devidamente definidos.

Qual o contexto da sala de aula tradicional? E o contexto fora da sala de aula? A linguagem varia ou não? Vivemos a era do imediatismo e da rapidez na interação. Ao mesmo tempo, de uma possível falta de atenção. Na sala de aula tradicional os alunos parecem ter dificuldade em acompanhar as explicações do professor. Parecem estarem absortos em outras idéias. Parecem distantes e não sintonizados no discurso do professor. Em outras palavras, o sistema de comunicação entre transmissor e receptor ou está incompleto ou a incidência de ruído está afetando a comunicação. Segundo (PRENSKY, 2010, p. 37) a falta de atenção do aluno, se dá por uma atitude intencional por parte do aluno em não responder ao diálogo do professor, pela percepção do aluno de haver discrepância na forma de aprendizagem que ele encontra dentro e fora da sala de aula. Na realidade, várias hipóteses podem ser levantadas, uma delas, por exemplo, é de que a aprendizagem pode não ser significativa, do ponto de vista do aluno.

Fora do ambiente escolar, na interação com as TICs o aluno possui o controle da interação e recebe respostas imediatas. Navega na internet em caso de dúvidas. Troca idéias com seus colegas em rede. Por outro lado, na sala de aula tradicional, embora a interação seja possível, ela é bem difícil de acontecer, por uma série de fatores, tais como, o número de alunos, pressupostos epistemológicos e pedagógicos do professor, material didático disponível, proposta pedagógica da escola, etc. O fato é que existe uma distância muito grande entre o que o aluno vivencia dentro e fora do ambiente escolar.

As TICs devem servir como apoio, como ferramentas, para as atividades de ensino do professor. Elas não devem ser um fim em si, mas um meio para que o objetivo do processo de ensino e aprendizagem ocorra, ou seja, que constituição do aluno se dê num contexto sócio-histórico-cultural. A tecnologia na educação deve se tornar uma interface comum de linguagem entre professor e aluno, favorecendo a interação entre ambos.

Quanto a linguagem nesses dois contextos, podemos dizer que ela está mudando, acompanhando as mudanças sócio-culturais, como citado anteriormente. Nas TICs os indivíduos têm a tendência de serem econômicos na escrita, além de desenvolverem expressões específicas para cada tecnologia utilizada. Por exemplo, palavras como emoticon, LOL, avatar, blog, RPG, tartarugar, fazem parte da linguagem dos nativos digitais no mundo dos games e tecnologias digitais (PRENSKY, 2010, p. 214-221). Além disso, no mundo das mensagens instantâneas é comum a contração das palavras no sentido de acelerar a comunicação e facilitar a digitação e portanto permite a fluidez do diálogo entre os nativos digitais.

É interessante verificar o que nos diz o relatório sobre educação da Universidade Aberta da Catalunha (2010) – tendências significativas (da educação) - em relação às modificações que estão ocorrendo na aprendizagem escolar e da vida em geral

Nossa forma de pensar acerca dos entornos da aprendizagem está mudando. Tradicionalmente e até pouco tempo, os entornos da aprendizagem se associavam a

espaços físicos. Hoje, sem dúvida, os “espaços” onde os estudantes aprendem são cada vez comunitários e interdisciplinares e estão apoiados por tecnologias associadas à comunicação e à colaboração virtual.

Os espaços se transformam para hibridizar o presencial com o virtual, diminuindo a fronteira entre os dois mundos, que são vividos pelos alunos como um só. (GARCÍA et al, 2010, p.6)

Aparentemente a nova linguagem que emerge das interações dos nativos digitais não é nem melhor, nem pior, mas diferente. Acompanha o contexto da sociedade em rede. Acompanha o fazer mais em menos tempo. Mas para o professor dito tradicional essa nova linguagem parece constituir desafio e uma oposição aos conceitos tradicionais da linguagem falada e escrita.

Segundo Prensky (2010, p. 61) quem deverá mudar de posicionamento é o professor, pois o nativo digital já nasceu num ambiente e cultura diferente daquela do imigrante digital. O professor deverá se apropriar do conhecimento necessário para migrar para a cultura digital, tornando-se portanto um migrante digital, utilizando as TICs como ferramentas do processo ensino e aprendizagem, interagindo da melhor forma possível com a nova linguagem produzida no contexto do nativo digital. Ao agir dessa forma, o professor se aproxima do aluno, de forma social e cultural, e a hipótese é de que o trabalho coletivo e colaborativo em sala de aula, entre ambos, possa ocorrer com maior fluidez.

Embora possa parecer antagônico, existem relatos (THOMAS, 2007, p. 1; HIGUSHI & ROBERTI, 2004, p. 202 ; PRENSKY, 2010, p. 214) de que os nativos digitais ao utilizarem as TICs acabam enriquecendo seu repertório da linguagem escrita e falada. Ou seja, temos que encarar o desafio de compreender e adotar a linguagem que emerge das TICs, de forma a conviver mais harmoniosamente possível com os nativos digitais, transformando nosso diálogo e implementando práticas pedagógicas ancoradas nas tecnologias na educação.

- **Considerações finais**

A resignificação do saber e fazer do professor na interação com os nativos digitais não parece ser uma tarefa fácil, considerando a própria resistência que os professores apresentam em relação às possíveis mudanças nas práticas em sala de aula.

Mas essa experiência pode se revelar renovadora e prazerosa. De acordo com o paradigma emergente do conhecimento científico (SANTOS, 1988, p.51) a subjetividade e a intenção devem ser consideradas ao se analisar um fenômeno social e ambas fazem parte intrínseca de todo conhecimento científico que se deseja construir. Significa dizer que o ato de ensinar não é um ato mecânico, positivista, onde não se leva em conta o saber prévio do aluno, nem seus anseios e necessidades como um ser social. Isso significa também que a relação professor aluno não pode se dar no antigo paradigma da transmissão de informação unidirecional mas deve sim ser permeada pela intenção e emoção de um diálogo bidirecional, onde os dois sujeitos da relação possam assumir papéis de transmissor e receptor, em ciclos democráticos de interação, assumindo ambos papéis ativos na construção coletiva e colaborativa do conhecimento, conforme a teoria construtivista de ensino e aprendizagem.

Acredito que o professor imigrante digital, ao assumir o desafio de se inserir no uso das TICs e da cultura digital, assume intencionalmente o papel de participante ativo da construção de

conhecimento com o nativo digital e a troca de papéis no diálogo em sala de aula, a denominada alteridade, deve ser vista como fator positivo nessa relação, tendendo a ser um fator impulsionador nessa nova relação entre professor e aluno.

Prensky (2001, p. 5) nos diz que alguns dos maiores desafios e oportunidades em se ensinar para os nativos digitais são (tradução livre do autor) “descobrir e inventar maneiras de incluir a reflexão e pensamento crítico na aprendizagem, mas fazendo isso na linguagem do nativo digital”.

Jesus (2007, p. 6) assim coloca sua posição sobre a nova forma de ensinar que os professores devem adotar, a qual pode nos ajudar numa reflexão sobre este tema

Por isso, professor: mude o seu método de ensino. Faça um site ou mantenha um blog. Crie conteúdos áudio e vídeo de suporte às suas aulas. Recorra a software didático de carácter demonstrativo. E acima de tudo, deixe que os seus alunos façam o percurso de aprendizagem de forma não sequencial. Lembre-se que os estudantes da Geração Net são multitarefa, ou seja, conseguem lidar com múltiplas fontes de informação em simultâneo.

Os professores imigrantes digitais necessitam se atualizar tecnologicamente e se tornarem migrantes digitais, inserindo-se gradualmente na nova cultura digital, apropriando-se do conhecimento necessário para o uso e aplicação da tecnologia da educação. O processo da linguagem ocorre na interação entre o eu e o outro (BAKHTIN, 1981, p. 144) e quanto mais os interlocutores estarem inseridos no mesmo contexto sócio-cultural, mais facilmente o processo comunicativo vai ocorrer com sucesso. Transpondo essa comunicação para a sala de aula, quanto mais o professor e o aluno estiverem no mesmo patamar em termos da cultura digital, mais facilmente a interação e troca de conhecimento vai ocorrer entre ambos, numa base mais democrática, onde a alternância no diálogo possa ocorrer de forma natural, respeitados o papel de cada um no processo de ensino e aprendizagem.

- **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 10ª Ed. ver. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GARCÍA, I. Peña-López, I; JOHNSON, L., Smith, R., LEVINE, A., & HAYWOOD, K. **Informe Horizon: Edición Iberoamericana 2010**. Austin, Texas: The New Media Consortium. Disponível em:

<http://openaccess.uoc.edu/webapps/o2/bitstream/10609/2661/6/NMC_HorizonReport_IB_2010_def.pdf>. Acesso em: 18/11/2010.

JESUS, Rui. **Relações Intergeracionais Professor-Aluno na Geração Net**. In: *Boletim Informativo do Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte*. Abril 2007 Ano 5 – No. 7 www.cespu.pt/iscsnoticias. Disponível em:

<<http://www.cespu.pt/pdf/ensino/iscsnoticias/iscsnoticias7.pdf>>. Acesso em: 03/12/2010.

OLIVEIRA, Talita de. **Relações de Poder: Posições Ocupadas por Professor e Aluno na Construção Social do Discurso e Identidade**. (IC CNPq - UFRJ). Revista Intercâmbio Vol. VIII 1999 (27-36). Disponível em :

Revista Tecnologias na Educação- ano 3- número 1- Julho 2011 <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/>

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/viewFile/4021/2668>>. Acesso em: 19/11/2010.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants, Part II: Do They Really Think Differently?** (MCB University Press, Vol. 9 No. 6). 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part2.pdf>>. Acesso em: 19/06/2010.

PRENSKY, Marc. “**Não me atrapalhe, mãe – Eu estou aprendendo!**”. São Paulo: Phorte, 2010.

THOMAS, Angela. **Pleasure, Play, Participation and Promise: Socio-emotional Dimensions of Digital Culture Which Are Transforming the Shape of New Media Literacies in NMC Releases 2007 NMC Summer Conference Proceedings**. 2007. SMITH, Rachel S. Faculty of Education and Social Work, University of Sydney. Disponível em: <<http://www.nmc.org/news/nmc/nmc-releases-2007-summer-conference-proceedings>>. Acesso em: 07/11/2010.

PRIMO, Alex. **Ferramentas de interação em ambientes educacionais mediados por computador**. 2000. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/ferramentas_interacao.pdf>. Acesso em: 03/12/2010.

PEREIRA, Mirna Feitoza. **A interface com uma nova cultura**. 2002. Disponível em: <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/1547,1.shl>>. Acesso em: 06/11/2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>>. Acesso em: 20/11/2010

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WANG, Wanderley. **O aprendizado através de jogos para computador: por uma escola mais divertida e mais eficiente**. 2006. Disponível em: <<http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo479.shtml>>. Acesso em: 06/11/2010.